

**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

JÉSSICA LEAL ALVITE

# VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO



ARARAQUARA – S.P.  
2012

JÉSSICA LEAL ALVITE

# **VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientador: Rosane de Andrade Berlinck**

ARARAQUARA – S.P.  
2012

## RESUMO

Esta monografia analisa, a partir dos dados coletados, aspectos do ensino de variação linguística nas escolas, isto é, se os estudos linguísticos têm sido incorporados de alguma forma no ensino de modo a promover uma visão menos conservadora e preconceituosa de língua, proporcionando aos alunos a possibilidade de reconhecer as diferentes variedades e julgar em quais situações cada uma delas é mais apropriada.

**Palavras – chave:** Variação Linguística. Ensino. Preconceito.

## **ABSTRACT**

This monograph analyzes, based on the collected data, some aspects of the teaching of the linguistic variation in schools: if the linguistic studies have been incorporated in teaching in some way in order to promote a less conservative and prejudiced perception of language, providing students the opportunity to recognize the different language varieties and judge the situations in which each of them is the most appropriate one.

**Keywords:** Linguistic Variation. Education. Prejudice.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Número de questões sem repostas.	15
<b>Tabela 2</b>	Efeitos da padronização	20
<b>Tabela 3</b>	Consciência da adequação ao contexto.	21

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2 O fantasma da Variação Linguística</b>	<b>8</b>
<b>2.1 Base conceitual</b>	<b>12</b>
<b>3 Procedimentos Metodológicos</b>	<b>13</b>
<b>4 Análise de Dados</b>	<b>15</b>
<b>5 Considerações Finais</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIA</b>	<b>23</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>24</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo dessa monografia é analisar como a variação linguística é abordada na escola, assim como o entendimento e visão que os alunos possuem desse fenômeno linguístico. O foco principal é o conceito de norma, padrão e coloquial, a fim de descobrir se os alunos ainda possuem uma visão preconceituosa em relação a isso, ou seja, se eles possuem a ideia de que uma variedade é melhor que outra, ou se eles entendem que há uma questão de adequação ao momento da fala, e que a variedade que é estabelecida como culta foi escolhida para essa função apenas por ser aquela utilizada pelas pessoas de maior prestígio social.

Assim, também é possível observar se os avanços na área dos estudos linguísticos têm chegado às escolas, tal como vem estabelecido nos PCNs desde 1998, e contribuído para um melhor ensino de gramática da língua portuguesa, ou se as instituições de ensino ainda divulgam que a variedade de prestígio é a única existente, e incentivam os estudantes a pensarem que a variedade que eles trazem de casa é inferior e defectiva, o que pode levar ao fracasso no aprendizado.

Além de observarmos o que os alunos entendem por norma culta e coloquial, também analisaremos as reflexões sobre língua em geral, a fim de percebermos se elas ainda estão calcadas no senso-comum. Ideias preconceituosas sobre a língua estão presentes por toda a sociedade, como na escola, mídia e nas conversas do dia-a-dia. O ensino, por sua vez, pode ser um grande aliado para a divulgação das ideias linguísticas e combate à intolerância na linguagem, ou, pelo contrário, pode acentuar essa situação, dependendo da forma como trata tais fenômenos. Seria justamente a observação da contribuição do ensino para com a disseminação dos estudos sobre a variação linguística um dos propósitos desse trabalho.

## 2 O FANTASMA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Desde os primórdios dos estudos da linguagem com Dionísio Trácio no século II a.c. , quem elaborou a primeira gramática normativa da qual se tem conhecimento, esta apresentava um caráter conservador e elitista, pois propunha uma linguagem superior e que devia ser seguida, a qual era utilizada pelos escritores consagrados. Assim, ao longo da história, a linguagem dos eruditos e aristocratas, ou seja, das pessoas que eram prestigiadas socialmente pelas suas posses e posição hierárquica, tem sido associada à ideia do correto, enquanto a fala de quem não possui prestígio social tem sido desvalorizada e considerada inferior.

O objetivo da gramática seguida pela escola e que tem essa origem histórica na cultura greco-romana é fixar padrões linguísticos, como uma estratégia política de dominação ideológica. Já que se pode identificar a classe social de uma pessoa de acordo com a variedade linguística que ela utiliza, a elite, ao manter sua variedade idealizada (muitas regras da G. N. não são mais utilizadas nem por ela) como a “superior”, garante o seu domínio cultural: quem dominar a norma padrão será identificado como alguém pertencente àquela classe social, enquanto alguém que não a utilize será excluído das camadas mais prestigiadas e poderosas da sociedade.

Fazer com que as pessoas pensem que falam de forma errada e que sua variedade está incorreta ajuda aos dominadores se manterem no poder, pois a população pensa que é inferior já que não consegue utilizar sua própria língua corretamente. Assim, um ensino de português calcado nessa variedade padrão de muitas formas já fossilizadas, auxilia o distanciamento da população da cultura letrada. Cria-se uma barreira, como se quem não nascesse em uma família bem escolarizada nunca chegaria a dominar o padrão como um recurso de ascensão social, pois a escola não seria capaz de cumprir esse papel. Dessa forma, prega-se que quem não pertence a uma elite desde o nascimento dificilmente chegará a ocupar uma posição de prestígio social.

A ideologia de que a gramática normativa é a única correta é secular, como já comentamos. Então, um ciclo se constrói para a manutenção dessa ideia, pois, temos: a gramática que não é atualizada de modo a incorporar as formas mais utilizadas no dia-a-dia dos falantes nativos (devido a medidas de manutenção do padrão); a escola que ainda utiliza esse padrão para ensinar, negando a variedade do aluno; e o aprendiz que se vê vítima de

preconceito e diante de um padrão que na teoria é muito distante da sua fala, o que o faz pensar que ele não domina sua própria língua materna, já que não segue as regras da gramática normativa, a qual a instituição de ensino diz ser a única válida.

Essa situação do ensino está relacionada a uma “questão política”, como Faraco destaca no seguinte trecho:

O ensino de português, nesse sentido, não está separado da sociedade que o justifica e o sustenta. Desse modo, criticá-lo é também criticar essa mesma sociedade; agir para mudá-lo é também agir para transformar a sociedade. (FARACO, p. 158, 2008).

Assim, pode-se dizer que o problema do ensino não tem sua origem de forma alguma somente na escola, já que esta é apenas uma ferramenta de manutenção de ideologias utilizada pelo governo.

Segundo Faraco (2008, p.160), o ensino de português não deve objetivar apenas a ampliação das atividades da fala e da escrita, mas sim uma ação reflexiva sobre a língua. Se assim fosse feito nas escolas, os alunos refletiriam e conseguiriam se libertar do conceito errôneo sobre a norma padrão, o qual defende que ela é a única válida. Além disso, perceberiam a questão da adequação ao momento de fala, ou seja, começariam a entender que em cada contexto há uma variedade que é a mais adequada, o que reduziria a disseminação do preconceito linguístico. Esse processo seria possível principalmente se utilizassem o método proposto pelo mesmo autor, o uso de textos literários em sala de aula, pois neles podemos observar marcas da linguagem oral, culta, regional, entre outras, já que a literatura é um espaço de ficção e não precisa se preocupar em seguir o padrão, podendo utilizar diferentes variedades em um mesmo texto. O uso de textos literários seria apenas um modo de iniciar a discussão sobre variação, pois se as reflexões se limitassem exclusivamente a textos literários, não seria possível trabalhar a ideia de que a variação é um efeito natural da diversidade que compõe a sociedade, pois se ela é natural não deve ser combatida, nem sofrer preconceito.

A falta de reflexão e conhecimento sobre língua presente na sociedade e na escola transforma a variação linguística em um fantasma, pois, para o senso comum, assim como afirma Milroy (2011), a linguagem padrão é a única existente. A padronização para esse autor consiste na imposição de uma variedade de prestígio, e o desdém das outras que estão fora do padrão, ou seja, há um desdém pela heterogeneidade ordenada; então, mesmo que alguma variedade possua regras de funcionamento bem claras, ela será negada, considerada errada por não estar de acordo com a variedade de prestígio.

Devido à ideologia de que a norma padrão é a única existente, por ser considerada a correta, muitos falantes nativos de português afirmam que não sabem essa língua. Esse pensamento ajuda a manter a concepção de que as variedades são incorretas e inexistentes. Assim, mesmo quem não domina a língua padrão a valoriza, pois acredita que ela é a língua do seu país (a única) e, por isso, deve ser conservada e protegida.

O trabalho do linguista, entre muitos outros, é legitimar essas outras variedades, mostrando que elas possuem regras e são tão eficientes quanto a norma culta. Além disso, também é importante que esse trabalho chegue à população e umas das formas para que isso aconteça é a incorporação dessas ideias aos livros didáticos, pois assim elas entrariam na escola e posteriormente na sociedade como um todo, e aos poucos os efeitos da “padronização” seriam amenizados.

A maioria das escolas tem suas aulas guiadas, mais do que pelos professores, pelos livros didáticos, e o tratamento dado por este à variação linguística é problemático, como afirma Bagno (2007). Esse autor reconhece o esforço dos autores em valorizar a multiplicidade linguística do português, mas a falta de conhecimento teórico os faz empregar conceitos que prejudicam o trabalho desse fenômeno na obra. Um exemplo disso, citado pelo autor, são os exercícios de “passe para a norma culta”, pois isso desvaloriza a variedade em questão e reforça a ideologia de que a linguagem culta é superior.

Outro problema, apontado por Bagno (2007), é o fato dos livros didáticos tratarem mais das variedades rurais e/ou regionais, criando uma imagem de que as variedades das grandes metrópoles são “normais” e as variedades das outras regiões são “exóticas”, o que acentua o preconceito em relação a determinados falares.

É importante destacar que não é abordada nesses livros a existência de muitas variedades, além de não discutirem termos como: norma culta (variedade prestigiada); e norma padrão (aquela apresentada na gramática normativa), a qual não é utilizada nem por pessoas que utilizam as variedades de prestígio, pois é ultrapassada e idealizada, já que se baseia em usos antigos e na escrita de autores consagrados. Também não é explorado o fato de existirem muitas outras variedades que não são prestigiadas somente por uma questão política e social, já que a maioria de seus falantes provavelmente não ocupa posições valorizadas dentro da sociedade. Encobre-se o fato de que suas variedades são tão eficientes e válidas como as de prestígio, pois possuem regras de funcionamento e permitem a comunicação entre os seus falantes.

Por isso seria mais eficiente, para se trabalhar com a variação linguística sem acentuar o preconceito e as ideologias de padronização já existentes, se os livros trouxessem exercícios de identificação, para que os alunos reconhecessem qual variedade dentre as várias existentes é mais adequada em cada situação. Os materiais didáticos poderiam apresentar diferentes situações, como entrevista de trabalho, churrasco, sala de aula, festa de empresa, entre outras, e, em seguida, diferentes falas para que os alunos relacionassem àquelas. Em relação às variedades regionais seria válido apresentar as diversas regiões e exemplos das falas de cada uma delas (áudio gravado da fala nativa seria necessário), sem descartar as falas das grandes metrópoles, pois, dessa forma, todas as variedades receberiam o mesmo tratamento, e uma não pareceria mais “normal” do que outra.

A abordagem da variação linguística dada pelos livros didáticos, como observa Bagno (2007), pode ser bem intencionada, no entanto, não é apropriada e não reflete os estudos linguísticos dessa área, o que reforça a ideologia de que uma variedade é “superior”, não sendo, portanto, eficiente para combater o preconceito linguístico na escola e sociedade. Por isso, uma reforma nesses livros seria de grande auxílio para que a variação linguística deixasse de ser um fantasma para as pessoas que não são especialistas da língua.

É importante destacar que a escola não é única responsável pela manutenção da “padronização”. Ela é o nosso foco por termos como tema a variação linguística no ensino, porém estudos como os de Marli Quadros Leite mostram que a mídia, por exemplo, reproduz essa ideologia, por meio de suas novelas, propagandas e discursos em geral. Não podemos esquecer que a ideia da língua ser pura e não variar já está fixada, e para combatê-la é preciso investigar as razões para a sua manutenção, as quais se encontraram em diversas instâncias da sociedade.

Mudar essas concepções sobre língua não é nada fácil visto que já estão consolidadas e as pessoas já se sentem em uma zona de conforto em relação a isso, não querendo mais refletir sobre o assunto, apreciando a ideia de que, em meio a um mundo repleto de mudanças, a sua língua é sólida.

## 2.1 Base conceitual

Alguns conceitos são essenciais para o desenvolvimento das questões a serem discutidas na análise de dados. São eles: norma-padrão, norma(s)- culta(s), norma(s)-popular(es), gramática-normativa e gramática-descritiva. Por isso, eles serão apresentados sinteticamente nesta sub-seção.

### **Norma - padrão**

Segundo Faraco (2008), a norma-padrão não é de fato uma variedade da língua, mas um instrumento de política linguística para atenuar a diversidade linguística regional e social. Foi estabelecida por meio de instrumentos normativos, como gramáticas e dicionários, sendo algo abstrato, pois serve de referência para incentivar a uniformização linguística.

### **Norma- culta**

Segundo Faraco (2008), a norma-culta/comum/*standard* é a variedade que os letrados geralmente usam em suas práticas mais monitoradas de fala e escrita, sendo uma expressão real de certos grupos sociais em determinados contextos.

### **Norma(s) – popular(es)**

Ilari e Basso (2007) utilizam o termo português *sub-standard*, o qual seria falado pelas pessoas não escolarizadas. As normas populares possuem suas próprias regras de funcionamento que não correspondem necessariamente às da gramática-normativa.

### **Gramática-normativa**

A gramática normativa, segundo Ilari e Basso (2007), busca estabelecer como a linguagem deve ser por meio de regras que orientam o comportamento linguístico de seus leitores, ou seja, ela cria um “regulamento”, “uma norma de conduta linguística”.

### **Gramática-descritiva**

Segundo Ilari e Basso (2007), a gramática-descritiva procura descrever uma língua de acordo com as observações feitas pelo analista, registrando os fatos que ocorrem de maneira regular; pode-se utilizar o termo “regra” no sentido de “lei”, ou seja, a ocorrência regular de alguns fatos em determinados contextos.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

De modo a analisar como a variação linguística é abordada na escola e que visão de língua os alunos possuem, propôs-se uma pesquisa junto a estudantes do Ensino Fundamental. Para a coleta de dados foi elaborado um questionário, a partir da letra de uma música de Adoniran Barbosa chamada *Tiro ao Álvaro*, a qual apresenta traços de variação linguística e permite observarmos o uso da linguagem coloquial. As questões buscam o posicionamento do aluno em relação à variedade apresentada na canção; o objetivo é verificar se os estudantes julgam essa fala inferior, ou se eles conseguem perceber que no dado contexto ela é apropriada, tanto em relação ao estilo como para a construção semântica. Ao todo são sete questões presentes no questionário que segue abaixo:

#### **Tiro Ao Álvaro** **Adoniran Barbosa**

De tanto levar frechada do teu olhar  
Meu peito até parece sabe o quê?  
Táubua de tiro ao álvaro  
Não tem mais onde furar  
Táuba de tiro ao álvaro  
Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina  
Que veneno e estriquinina  
que peixeira de baiano  
Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver  
Mata mais que bala de revórver

<http://letras.mus.br/adoniran-barbosa/43970/>

#### **Questões:**

- 1- É possível observar marcas da linguagem oral na letra dessa música? Quais?
- 2- Há alguma passagem em que você encontra dificuldade para entender o sentido das palavras? Qual?
- 3- Se a música fosse escrita de acordo com a linguagem padrão o seu sentido seria modificado? Nesse caso a linguagem padrão é mais adequada que a coloquial? Justifique.

- 4- Você acha que a linguagem padrão (da gramática normativa) é mais apropriada e melhor do que a coloquial em todas as situações? Justifique.
- 5- É possível saber aproximadamente o grau de escolaridade e a classe social de quem fala na música? Se sim, quais são?
- 6- - O que você acha da seguinte ideia:

"Quando dizemos que a linguagem de um indivíduo é pior que alguma outra é o mesmo que afirmar que ele é inferior a alguém que domine a variedade de prestígio". Justifique.

- 7- A partir das questões acima, o que é possível refletir sobre “certo” e “errado” em relação à variação na linguagem?

O questionário foi aplicado a 20 alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II de 16 escolas diferentes, 2 públicas e 14 particulares, sendo 15 dessas escolas de Araraquara, e uma de Nova Europa.

Apenas 4 desses questionários foram aplicados em sala de aula, durante uma aula optativa sobre leitura em uma escola particular do município de Araraquara. Nesse dia distribuimos somente a letra da música e as questões foram ditadas conforme eram respondidas, sendo que os alunos só ouviam a questão seguinte após terem respondido a anterior. Esse método foi utilizado a fim de que as últimas questões não influenciassem as respostas das primeiras.

No entanto, devido à falta de oportunidade de aplicar o questionário em sala de aula novamente, os outros 16 questionários foram entregues completos (letra e questões, como o exposto acima) aos alunos que puderam ter contato com todas as questões antes de começarem a responder, além de terem a possibilidade de levá-lo para casa e devolver posteriormente respondido.

150 questionários foram distribuídos, mas apenas 20 foram devolvidos.

Utilizamos como suporte teórico autores como Faraco (2008), James Milroy (2011), Alan Rey (2011), Marli Quadros Leite (2008), entre outros.

#### 4 ANÁLISE DE DADOS:

O primeiro aspecto a ser analisado em relação à coleta de dados é a dificuldade em conseguir um retorno. A maioria dos questionários não foi devolvida, e muitos deles retornaram com questões sem respostas. Sendo assim, primeiramente levantaremos quantas perguntas foram ignoradas, para tentarmos explicar esse fato; em seguida, analisaremos as respostas de cada questão do questionário.

**Tabela 1. Número de questões sem respostas  
(Total de 20 questionários)**

Questão 1	1/20	5%
Questão 2	0/20	0%
Questão 3	2/20	10%
Questão 4	2/20	10%
Questão 5	0/20	0%
Questão 6	4/20	20%
Questão 7	5/20	25%

Alguns alunos voluntários que responderam o questionário comentaram a dificuldade em entender termos como “marcas da linguagem oral”, “linguagem padrão”, “gramática normativa”, “linguagem coloquial”, e até mesmo “linguagem”. As declarações dos alunos (em relação ao não entendimento dos termos acima) se refletem no número de questões sem respostas, pois as únicas perguntas que foram respondidas em todos os questionários foram as questões 2 e 5, as quais não apresentam esses termos. A partir dessas considerações podemos inferir que essas expressões relacionadas à área da linguística não têm sido trabalhadas em sala de aula o suficiente para que os estudantes consigam compreendê-las de alguma forma. Assim, esses alunos estão no senso-comum no que se refere a esse assunto, variação linguística. Então, a dificuldade em relação aos termos “linguagem padrão” e “linguagem coloquial” pode ser explicada pelo que Milroy (2011) afirma ser um resultado da padronização, ou seja, para quem não reflete sobre a língua, não há uma pluralidade de linguagens, sendo a padrão a única existente, em detrimento das linguagens coloquiais.

Esses alunos não levam em consideração, já que não são estimulados a isso, o fato de que os falantes modificam a língua. Eles demonstraram pelas questões sem respostas e pelas

considerações rasas que eles não refletem sobre a linguagem, como se existisse uma língua única e imutável, a qual ninguém pudesse transformar, influenciar, ou até mesmo entender mais profundamente.

Dessa forma, nossa hipótese para o grande número de questionários não devolvidos (130) e para as questões não respondidas é a falta de reflexão sobre os fenômenos da linguagem, a qual causa o estranhamento dos alunos em relação às expressões presentes no questionário, o que pode ocorrer pelo não estímulo da escola e da sociedade, e que é um resultado da padronização da linguagem. Essa situação torna-se um processo: a escola prega a padronização, que por sua vez é uma ideologia muito antiga como já foi discutido, e a sociedade aceita, pois não tem muito contato com os estudos linguísticos. Por isso, quando se deparam com esses termos e ideias sobre os estudos da linguagem, as pessoas não estão preparadas para discutir o assunto, ou aceitar a questão da variação linguística, pois a ideologia da padronização já foi internalizada.

### **Análise da questão número I: É possível observar marcas da linguagem oral na letra dessa música? Quais?**

Em relação à Questão 1 houve 4 respostas “Não”, e um questionário sem resposta para essa pergunta. Essa situação se relaciona à não compreensão do termo “marcas da linguagem oral” como destacado acima. Então 25% dos alunos não têm familiaridade com essa expressão, e possivelmente não distinguem a linguagem oral da escrita. No entanto, 15 questionários tiveram como resposta “Sim”, e deram como exemplos palavras como “frechada”, “revórver” e “táubua”. Houve exceções em dois questionários, dos quais um não citou exemplos, respondendo somente “Sim”, e o outro que deu como exemplo da linguagem oral o sintagma verbal “mata mais”. Portanto, 13 alunos demonstraram que conseguem identificar usos que fazem parte da linguagem oral; ou seja, 65 %. No caso de 10% dos alunos (2), não podemos analisar as respostas, pois, mesmo respondendo “Sim”, os exemplos ou a falta deles não nos permitiram inferir o que eles entendem por “linguagem oral”.

É possível afirmar que a maioria das pessoas que responderam o questionário, 65% dos alunos, consegue identificar marcas da linguagem oral na fala ou em textos escritos, já que destacaram exemplos adequados a partir da letra da música selecionada.

**Análise da questão número II: Há alguma passagem em que você encontra dificuldade para entender o sentido das palavras? Qual?**

15 alunos responderam “Não” para essa questão, o que corresponde a 75% dos questionados. Isso mostra que a linguagem coloquial utilizada na música não prejudica o seu entendimento. Então mesmo que os alunos não reconheçam a “linguagem oral” como correta em determinadas situações, e não tenham consciência de que ela é tão eficiente quanto a “padrão”, eles não identificam nela motivos para que ela seja “considerada incorreta”.

Apenas 5 alunos, ou seja, 25% , responderam “Sim”. No entanto, os exemplos dados pelos alunos como “estriquinina”, “carabina”, e “táubua de tiro ao Álvaro” mostram que a dificuldade em entender o sentido de algumas palavras não está relacionada à linguagem oral. Ela está associada a um vocabulário desconhecido do aluno, e também ao jogo de palavras criado pelo compositor no verso citado acima; assim podemos inferir que quase nada se deve ao uso da “linguagem coloquial” o não entendimento dessas palavras apontadas pelos estudantes.

**Análise da questão número III: Se a música fosse escrita de acordo com a linguagem padrão o seu sentido seria modificado? Nesse caso a linguagem padrão é mais adequada que a coloquial? Justifique.**

Houve 2 estudantes que ignoraram essa questão. 7 alunos (30%) responderam “Sim” para as duas perguntas presentes na questão 3 ( exceto um estudante que respondeu “sim, porque” e não deu continuidade). Eles explicaram que a linguagem padrão é sempre mais adequada, porque é a certa; alguns disseram que seria mais fácil de entender e outros que ela é mais “bonita”. Dessa forma, podemos observar que essa parcela de alunos não reconhece a variação linguística como um fenômeno relacionado à adequação a cada situação de fala, e que eles parecem julgar a linguagem padrão como a única aceitável no contexto dessa música.

3 questionários (15%) apresentaram resposta “sim” para a pergunta sobre a modificação do sentido da música se esta fosse passada para a norma culta, e também responderam “não” para a adequação da utilização dessa outra variedade nessa letra, o que mostra que eles perceberam que a linguagem coloquial era importante para a construção semântica da música, e que não é sempre que a linguagem padrão é mais apropriada.

6 alunos responderam que a linguagem padrão não modificaria o sentido da música, alguns disseram que ela seria mais apropriada, enquanto outros ignoraram essa parte da

questão. Isso demonstra que eles não percebem que a linguagem utilizada é importante para o sentido construído, e que em alguns casos a variedade coloquial se adequa melhor.

2 alunos (10%) disseram que o sentido da música não seria modificado, mas que, nesse caso, a linguagem coloquial seria mais apropriada. Essa situação é controversa, pois se o sentido não se modifica, por que uma variedade seria mais adequada que outra? Isso pode estar relacionado à concepção de sentido desses alunos, pois se eles estão pensando no sentido referencial das palavras, talvez fosse possível pensar que não haveria modificação pelo emprego da linguagem padrão. É importante destacar que até os alunos que demonstram um pouco mais de reflexão sobre os usos da língua ainda estão confusos para ter uma opinião sobre o assunto, e essa situação demonstra que talvez as escolas não estejam conduzindo esse tipo de estudo e reflexão sobre língua.

**Análise da questão número IV: Você acha que a linguagem padrão (da gramática normativa) é mais apropriada e melhor do que a coloquial em todas as situações? Justifique.**

10 alunos, ou seja, 50% , responderam que a linguagem padrão não é mais apropriada em todas as situações, o que mostra que alguns desses alunos podem ter a noção de adequação e estilo. 8 alunos (40%) disseram que a linguagem padrão é mais apropriada sempre, alguns chegaram a afirmar que a “gramática é melhor”; isso mostra o resultado da padronização, o julgamento da fala de modo preconceituoso, já que o indivíduo não consegue perceber que em certos contextos, como o da música presente no questionário, outras variedades podem ser mais adequadas.

2 estudantes (10%) deixaram de responder essa pergunta. Como já discutimos, eles comentaram que não conheciam os termos “linguagem padrão” e “coloquial”; ou seja, disseram que nunca haviam tido contato com tais expressões, o que impossibilitou que eles respondessem a questão proposta.

**Análise da questão número V: É possível saber aproximadamente o grau de escolaridade e a classe social de quem fala na música? Se sim, quais são?**

50% dos alunos responderam que é possível saber a escolaridade de quem fala na música, e afirmaram que deveria ser uma pessoa de baixa escolaridade; alguns ainda disseram sem

“recursos” e “oportunidades”. Isso mostra que, tendo consciência ou não, os alunos associam a variedade linguística utilizada por um indivíduo à classe social a que ele pertence.

Os outros 50% responderam que não é possível identificar a escolaridade e classe social de quem fala na música; isso demonstra que esses alunos não associam a variedade que alguém utiliza à sua origem, ou, que eles confundiram “quem fala na música” com o compositor, do qual eles provavelmente não conhecem a história, por isso não puderam identificar o que a questão propunha.

**Análise da questão número VI: O que você acha da seguinte ideia: "Quando dizemos que a linguagem de um indivíduo é pior que alguma outra é o mesmo que afirmar que ele é inferior a alguém que domine a variedade de prestígio". Justifique.**

12 alunos (60%) disseram que não é inferior quem não domina a variedade de prestígio. Isso demonstra que eles não julgam a pessoa pela variedade que ela utiliza. 4 alunos (20%) afirmaram que quem não utiliza a linguagem padrão não sabe falar direito, o que demonstra preconceito linguístico. 4 alunos deixaram essa questão sem resposta, o que pode estar relacionado ao não entendimento de alguns termos, como já destacado, ou, eles não quiseram opinar.

É importante ressaltar que não houve reflexões sobre a adequação ao contexto de fala, nem em relação às variedades coloquiais serem tão eficientes quanto às de prestígio, e só não fazerem parte destas por uma questão política.

**Análise da questão número VII: A partir das questões acima, o que é possível refletir sobre “certo” e “errado” em relação à variação na linguagem?**

6 alunos (30%) afirmaram que não existe “certo” ou “errado” e que é a situação que determina qual é a melhor forma de se falar, isso demonstra que esses alunos entendem que em muitas ocasiões a linguagem padrão não é mais adequada. 5 alunos (25%) disseram que a linguagem padrão é o certo, então eles não reconhecem o valor das outras variedades.

5 alunos não responderam essa questão. 4 alunos disseram que “cada um tem um sotaque”, o que está de acordo com o que Faraco afirma, ou seja, que muitos indivíduos associam variação linguística somente à variação regional, ignorando a questão da norma.

### **Afinal, o que eles pensam sobre “certo” e “errado” na linguagem?**

As questões IV, VI e VII são as que mais expressam a opinião do aluno em relação às normas culta e coloquial. Por isso elaboramos uma tabela que destaca as respostas que demonstram os efeitos da padronização, ou seja, que a variedade culta é a única válida na consciência de alguns falantes.

**Tabela 2. Efeitos da padronização**

<b>Questão IV</b> “Linguagem padrão é mais apropriada”	<b>40%</b>
<b>Questão VI</b> “Quem não domina a norma culta não sabe falar direito”	<b>20%</b>
<b>Questão VII</b> “A linguagem padrão é a certa”	<b>25%</b>

Pode-se notar que 40% dos alunos consideram a linguagem padrão mais apropriada em todas as situações, ou seja, não consideram que em determinados contextos outras variedades são mais adequadas. No entanto, 20% dos alunos acredita que quem não domina a norma culta não sabe falar direito, ou seja, apenas a metade da quantidade de alunos que não considera a questão da apropriação ao momento da fala válida acredita “no falar errado”, o que demonstra que alguns consideram a norma padrão mais apropriada, mas não julgam negativamente quem não a utiliza, ou não admitem essa concepção.

25% dos alunos consideram que “a linguagem padrão é a certa”, ou seja, alguns estudantes, aproximadamente 15 %, acreditam que a linguagem padrão é mais adequada, mas não a única certa, ou deixaram de afirmar essa ideia.

Na tabela 2 (baseada nas mesmas questões acima consideradas) estão demonstradas as ideias contrárias à ideologia da padronização, as quais levam em consideração a eficiência das outras variedades e a melhor adequação delas a determinados contextos.

**Tabela 3. Consciência da adequação ao contexto**

<b>Questão IV</b> “A linguagem padrão não é mais apropriada em todas as situações”	<b>50%</b>
<b>Questão VI</b> “Não é inferior quem não domina a variedade de prestígio”	<b>60%</b>
<b>Questão VII</b> Não existe “certo” ou “errado”	<b>30%</b>

A partir desses dados, podemos observar que aproximadamente a metade dos alunos não considera a linguagem padrão a única adequada, ou quem não a domina inferior. No entanto, apenas 30% dos estudantes afirmaram que, em relação à linguagem, não existe certo ou errado, o que mostra algum receio em se realizar tal afirmação, até mesmo por parte de quem não desvaloriza as outras variedades. Isso demonstra como a ideologia da padronização influencia a maioria das pessoas, inclusive as que possuem ideias contrárias a ela.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados coletados, pudemos notar que muitos alunos não refletem sobre a língua, e não têm uma visão crítica sobre a gramática. Além de não conhecerem termos relacionados ao ensino de língua como “norma”, “linguagem coloquial”, “linguagem padrão” e “gramática normativa”, isso dá indícios de que esses temas não são abordados na escola, ou que são mal trabalhados.

Alguns estudantes demonstraram que conseguem perceber a variação como algo positivo e que em cada situação uma das variedades pode ser mais apropriada. No entanto, muitos alunos acreditam que a linguagem padrão é única válida, e alguns julgam que quem não domina a variedade de prestígio é inferior.

Assim, podemos inferir que é possível mudar essa visão preconceituosa em relação à variação e fazê-la mais presente no ensino de português, já que muitos ignoram a questão da norma, e, justamente por isso, a abordagem que a escola e os livros didáticos apresentam precisa ser reformulada. Esse será um processo longo, pois como já destacamos a “padronização” é tão antiga quanto os estudos de gramática, então já está presente no imaginário das pessoas, sendo atualizada em diferentes discursos presentes na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALÉONG, S. Normas linguísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, M. (org.) **Norma Linguística**. São Paulo: Loyola, 2011.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**. São Paulo: Parábola, 2007.

\_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2000.

BARBOSA, A. **Tiro ao Álvaro**. Disponível em: < <http://letras.mus.br/adoniran-barbosa/43970/>>. Acesso em: 19 out. 2012.

CAVALCANTE, M. A. da S. ; SILVA, N. L. . Procedimentos Metodológicos para Abordar Questões de Variação Linguística em uma Turma da Educação de Jovens e Adultos. In: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante; Neiza de Lourdes Frederico Fumes. (Org.). Educação e Linguagem: saberes, discursos e práticas. Maceió-AL: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2006, v. , p. 47-70.

CORBEIL, J. C. Elementos de uma teoria da regulação linguística. In: BAGNO, M. (org.) **Norma Linguística**. São Paulo: Loyola, 2011.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

[GORSKI, E. M.](#); COELHO, I. L.. Variação linguística e ensino de gramática. **Working Papers em Lingüística**, v. 10, p. 73-91, 2009.

ILARI, R.; BASO, R. **O português da gente**. São Paulo: Contexto, 2007.

LEITE, M. Q. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MILROY, J. Ideologias Linguísticas e as Consequências da Padronização. In: BAGNO, M. ; LAGARES, X, C. **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011.

REY, A. Usos, Julgamentos e prescrições linguísticas. In: BAGNO, M. (org.) **Norma Linguística**. São Paulo: Loyola, 2011.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – QUESTIONÁRIOS

### Tiro Ao Álvaro

Adoniran Barbosa

De tanto levar frechada do teu olhar

Meu peito até parece sabe o quê?

Táubua de tiro ao álvaro

Não tem mais onde furar

Táuba de tiro ao álvaro

Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina

Que veneno e estriquinina

que peixeira de baiano

Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver

Mata mais que bala de revórver

<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/1299581/>

1) Sim. Exemplos: FRECHADA, TÁUBUA, TÁUBA, AUTOMÓVER.

2) Não. Porque por exemplo: automóver eu consigo entender e eu sei que é <sup>vite</sup> automóvel.

3) Eu acho que seria a mesma coisa para alguns, tipo eu entendo esse sentido.

4) Sim. Porque as pessoas sabem melhor a linguagem da gramática.

(Alencar)  
Grigolotto  
Navale

5) Eu acho que ela fez na escola, mas nessa música ela quis brincar um pouco com as palavras. <sup>deixe</sup> <sup>mede</sup>

6) Não. Porque eu acho que será mais difícil ela conseguir um emprego no futuro.

Eu acho possível pensar que se acham melhor que alguém, porque desse mundo não levamos nada, e então temos que ser boas umas com as outras para que no futuro ela não se arrependa de cometer esta diferença.

7) Não. Porque cada pessoa tem um sutaque diferente.

1 - Sim, podemos observar nas palavras: reverso, fechada, autêntico e Taibua

2 - Sim, no trecho "Taibua de Tio os albos", pois a palavra alba acaba quando um músico toca trecho da música, então acaba ficando como A lbaar.

3 - Seu ponto de vista não é modificado, de forma padrão ou adequada tem a mesma estrutura - E, neste caso a padrão não seria a mais adequada, porque, no se tratar de uma música, de uma melodia, a mais adequada seria a forma adequada

4 - Não, porque no dia a dia, em uma conversa entre amigos ou linguagem padrão não é recorrente, já em uma conversa formal, ou como uma entrevista de emprego a linguagem padrão é mais adequada para se usar

5 - Sim, podemos observar pelo fato que algumas palavras são escritas na letra da música que o grau de liberdade do compositor da música é baixo.

6 - Não, pois as culturas são diferentes, o modo de vida, então temos várias variedades do modo de falar por conta disso

7 - Não tem certo ou errado, depende da situação, se for uma conversa entre amigos usamos a adequada, já se for uma conversa mais formal, como por exemplo, uma entrevista de emprego usamos a linguagem padrão.

**Tiro Ao Álvaro**  
**Adoniran Barbosa**

De tanto levar frechada do teu olhar  
Meu peito até parece sabe o quê?  
Táubua de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar  
Táuba de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina  
Que veneno e estriquinina  
que peixeira de baiano  
Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver  
Mata mais que bala de revólver

<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/1299581/>

**Questões:**

1- É possível observar marcas da linguagem oral na letra dessa música? Quais?

Sim, "brechado", "automóver", "morsquet"

2- Há alguma passagem em que você encontra dificuldade para entender o sentido das palavras? Qual? Sim, a palavra "estriquinina"

3- Se a música fosse escrita de acordo com a linguagem padrão o seu sentido seria modificado? Nesse caso a linguagem padrão é mais adequada que a coloquial?

Justifique. O sentido não se modificaria. Não, não é um músico

4- Você acha que a linguagem padrão (da gramática normativa) é mais apropriada e melhor do que a coloquial em todas as situações? Justifique.

Características  
Não. No falado ou em alguns músicos, a coloquial é mais útil.

5- É possível saber aproximadamente o grau de escolaridade e a classe social de quem fala na música? Se sim, quais são?

Sim. Pelo modo que ele escreve as palavras, e pelas próprias palavras

6- O que você acha da seguinte ideia:

"Quando dizemos que a linguagem de um indivíduo é pior que alguma outra é o mesmo que afirmar que ele é inferior a alguém que domine a variedade de prestígio". Justifique. Não, não o jeito que um pessoal fala não é de acordo com ideais, com o interesse melhor do que ninguém

7- A partir das questões acima, o que é possível refletir sobre "certo" e "errado" em relação à variação na linguagem? Que relação de com quem você se

comunicação, ou como

**Tiro Ao Álvaro**  
**Adoniran Barbosa**

De tanto levar frechada do teu olhar  
Meu peito até parece sabe o quê?  
Táubua de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar  
Táuba de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina  
Que veneno e estriquinina  
que peixeira de baiano  
Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver  
Mata mais que bala de revólver

<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/1299581/>

**Questões:**

- 1- É possível observar marcas da linguagem oral na letra dessa música? Quais?
- 2- Há alguma passagem em que você encontra dificuldade para entender o sentido das palavras? Qual? *Não*
- 3- Se a música fosse escrita de acordo com a linguagem padrão o seu sentido seria modificado? Nesse caso a linguagem padrão é mais adequada que a coloquial? Justifique. *Não, sim porque estaria correta.*
- 4- Você acha que a linguagem padrão (da gramática normativa) é mais apropriada e melhor do que a coloquial em todas as situações? Justifique. *Sim, porque é a regra.*
- 5- É possível saber aproximadamente o grau de escolaridade e a classe social de quem fala na música? Se sim, quais são? *Não*
- 6- - O que você acha da seguinte ideia:  
  
"Quando dizemos que a linguagem de um indivíduo é pior que alguma outra é o mesmo que afirmar que ele é inferior a alguém que domine a variedade de prestígio". Justifique. *a forma como se fala não tem a ver com a pessoa.*
- 7- A partir das questões acima, o que é possível refletir sobre "certo" e "errado" em relação à variação na linguagem?  
  
*?*

**Tiro Ao Álvaro**  
**Adoniran Barbosa**

De tanto levar frechada do teu olhar  
Meu peito até parece sabe o quê?  
Táubua de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar  
Táuba de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina  
Que veneno e estriquinina  
que peixeira de baiano  
Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver  
Mata mais que bala de revólver

<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/1299581/>

**Questões:**

- 1- É possível observar marcas da linguagem oral na letra dessa música? Quais?  
*Sim. frechada, Táubua, Álvaro, automóver e revólver*
- 2- Há alguma passagem em que você encontra dificuldade para entender o sentido das palavras? Qual?  
*não*
- 3- Se a música fosse escrita de acordo com a linguagem padrão o seu sentido seria modificado? Nesse caso a linguagem padrão é mais adequada que a coloquial? Justifique.  
*não. não porque é uma música e também não altera o sentido.*
- 4- Você acha que a linguagem padrão (da gramática normativa) é mais apropriada e melhor do que a coloquial em todas as situações? Justifique.  
*não, porque assim parece que a música fica mais engraçada e mais divertida.*
- 5- É possível saber aproximadamente o grau de escolaridade e a classe social de quem fala na música? Se sim, quais são?  
*não*
- 6- - O que você acha da seguinte ideia:

"Quando dizemos que a linguagem de um indivíduo é pior que alguma outra é o mesmo que afirmar que ele é inferior a alguém que domine a variedade de prestígio". Justifique.

*Sim pois ele não sabe falar direito*

- 7- A partir das questões acima, o que é possível refletir sobre "certo" e "errado" em relação à variação na linguagem?

*Certo é usar a linguagem padrão mas não é ser mais a coloquial*

### Tiro Ao Álvaro

Adoniran Barbosa

De tanto levar frechada do teu olhar  
Meu peito até parece sabe o quê?  
Táubua de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar  
Táuba de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina  
Que veneno e estriquinina  
que peixeira de baiano  
Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver  
Mata mais que bala de revólver

<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/1299581/>

#### Questões:

- 1- É possível observar marcas da linguagem oral na letra dessa música? Quais?  
*Sim "frechada e também"*
- 2- Há alguma passagem em que você encontra dificuldade para entender o sentido das palavras? Qual?  
*Não*
- 3- Se a música fosse escrita de acordo com a linguagem padrão o seu sentido seria modificado? Nesse caso a linguagem padrão é mais adequada que a coloquial? Justifique. *Não mudaria o sentido pois mudaria o glamour dela.*
- 4- Você acha que a linguagem padrão (da gramática normativa) é mais apropriada e melhor do que a coloquial em todas as situações? Justifique.  
*Não, cada um se expressa da maneira que sabe, que pode e entende quem quer e lê quem quer.*
- 5- É possível saber aproximadamente o grau de escolaridade e a classe social de quem fala na música? Se sim, quais são?  
*Não*
- 6- - O que você acha da seguinte ideia:  
"Quando dizemos que a linguagem de um indivíduo é pior que alguma outra é o mesmo que afirmar que ele é inferior a alguém que domine a variedade de prestígio". Justifique. *Só que a maneira que a pessoa fala determina sua origem mas não se ela é inferior as outras que se expressa de outra maneira*
- 7- A partir das questões acima, o que é possível refletir sobre "certo" e "errado" em relação à variação na linguagem?  
*Não existe.*

1- não

2- não

3- O sentido não se mudou, mas a linguagem mudou, mas e de quê?

4- Não em alguns casos, ela pode ser mas não em todos

5- não

### Tiro Ao Álvaro

Adoniran Barbosa

De tanto levar frechada do teu olhar  
Meu peito até parece sabe o quê?  
Táubua de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar  
Táuba de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina  
Que veneno e estriquinina  
que peixeira de baiano  
Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver  
Mata mais que bala de revórver

<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/1299581/>

#### Questões:

- 1- É possível observar marcas da linguagem oral na letra dessa música? Quais?  
*Sim, Táubua, "Automóver", "Revórver".*
- 2- Há alguma passagem em que você encontra dificuldade para entender o sentido das palavras? Qual? *Não*
- 3- Se a música fosse escrita de acordo com a linguagem padrão o seu sentido seria modificado? Nesse caso a linguagem padrão é mais adequada que a coloquial? Justifique. *?*
- 4- Você acha que a linguagem padrão (da gramática normativa) é mais apropriada e melhor do que a coloquial em todas as situações? Justifique. *?*
- 5- É possível saber aproximadamente o grau de escolaridade e a classe social de quem fala na música? Se sim, quais são? *Não*
- 6- - O que você acha da seguinte ideia:  
"Quando dizemos que a linguagem de um indivíduo é pior que alguma outra é o mesmo que afirmar que ele é inferior a alguém que domine a variedade de prestígio". Justifique.  
*NINGUÉM É INFERIOR.*
- 7- A partir das questões acima, o que é possível refletir sobre "certo" e "errado" em relação à variação na linguagem?  
*?*

**Tiro Ao Álvaro**  
**Adoniran Barbosa**

- 1 De tanto levar frechada do teu olhar
- 2 Meu peito até parece sabe o quê?
- 3 Tá buia de tiro ao Álvaro
- 4 Não tem mais onde furar
- 5 Tá buia de tiro ao Álvaro
- 6 Não tem mais onde furar
  
- 7 Teu olhar mata mais do que bala de carabina
- 8 Que veneno e estriquinina
- 9 que peixeira de baiano
- 10 Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver
- 11 Mata mais que bala de revólver

<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/1299581/>

**Questões:**

- 1- É possível observar marcas da linguagem oral na letra dessa música? Quais?
- 2- Há alguma passagem em que você encontra dificuldade para entender o sentido das palavras? Qual? *Sim.*  
*As palavras = 0, 7 e 8*
- 3- Se a música fosse escrita de acordo com a linguagem padrão o seu sentido seria modificado? Nesse caso a linguagem padrão é mais adequada que a coloquial? Justifique.
- 4- Você acha que a linguagem padrão (da gramática normativa) é mais apropriada e melhor do que a coloquial em todas as situações? Justifique.
- 5- É possível saber aproximadamente o grau de escolaridade e a classe social de quem fala na música? Se sim, quais são?  
*Sim. Grau de escolaridade = baixa e classe social = baixa*
- 6- O que você acha da seguinte ideia:  
"Quando dizemos que a linguagem de um indivíduo é pior que alguma outra é o mesmo que afirmar que ele é inferior a alguém que domine a variedade de prestígio". Justifique.
- 7- A partir das questões acima, o que é possível refletir sobre "certo" e "errado" em relação à variação na linguagem?

**Tiro Ao Álvaro**  
**Adoniran Barbosa**

De tanto levar frechada do teu olhar  
Meu peito até parece sabe o quê?  
Tábuca de tiro ao álvaro  
Não tem mais onde furar  
Táuba de tiro ao álvaro  
Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina  
Que veneno e estriquinina  
que peixeira de baiano  
Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver  
Mata mais que bala de revólver

<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/1299581/>

**Questões:**

- 1- É possível observar marcas da linguagem oral na letra dessa música? Quais?  
*Sim. Frechada, Automóver, revolver e de.*
- 2- Há alguma passagem em que você encontra dificuldade para entender o sentido das palavras? Qual?  
*Sim. "Tábuca de tiro ao Álvaro" e "Que veneno e estriquinina".*
- 3- Se a música fosse escrita de acordo com a linguagem padrão o seu sentido seria modificado? Nesse caso a linguagem padrão é mais adequada que a coloquial? Justifique.  
*Sim. Sim, pois fica fácil de entender a música, ou a frase e etc.*
- 4- Você acha que a linguagem padrão (da gramática normativa) é mais apropriada e melhor do que a coloquial em todas as situações? Justifique.  
*Sim, pois além de ficar bonito e formal e também fica fácil de se entender o que se fala.*
- 5- É possível saber aproximadamente o grau de escolaridade e a classe social de quem fala na música? Se sim, quais são?  
*Não, pois não podemos julgar alguém pela sua forma de falar, se ela*
- 6- O que você acha da seguinte ideia: *o rico ou se ela é inteligente e etc.*

"Quando dizemos que a linguagem de um indivíduo é pior que alguma outra é o mesmo que afirmar que ele é inferior a alguém que domine a variedade de prestígio". Justifique. *Não, pois ninguém é obrigado a ter o "domínio" da língua, e comparar alguém que tenha o domínio com alguém que não tenha é errado.*

- 7- A partir das questões acima, o que é possível refletir sobre "certo" e "errado" em relação à variação na linguagem?

*O certo é você escrever a gramática normativa e o errado é você se achar inferior a alguém só porque não sabe falar direito ou escrever certo, pois isso não qualifica ninguém.*

**Tiro Ao Álvaro**  
**Adoniran Barbosa**

De tanto levar frechada do teu olhar  
Meu peito até parece sabe o quê?  
Táubua de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar  
Táuba de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina  
Que veneno e estriquinina  
que peixeira de baiano  
Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver  
Mata mais que bala de revólver

<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/1299581/>

**Questões:**

- 1- É possível observar marcas da linguagem oral na letra dessa música? Quais?  
*Sim, "deitada", "taubua", "automóver"*
- 2- Há alguma passagem em que você encontra dificuldade para entender o sentido das palavras? Qual? *Sim, "estriquinina" e "carabina"*
- 3- Se a música fosse escrita de acordo com a linguagem padrão o seu sentido seria modificado? Nesse caso a linguagem padrão é mais adequada que a coloquial? Justifique. *Sim. Sim, porque a linguagem padrão é sempre mais correta.*
- 4- Você acha que a linguagem padrão (da gramática normativa) é mais apropriada e melhor do que a coloquial em todas as situações? Justifique! *Sim, pois é a correta.*
- 5- É possível saber aproximadamente o grau de escolaridade e a classe social de quem fala na música? Se sim, quais são?  
*Sim, alguém sem estudo e oportunidades*
- 6- O que você acha da seguinte ideia:

"Quando dizemos que a linguagem de um indivíduo é pior que alguma outra é o mesmo que afirmar que ele é inferior a alguém que domine a variedade de prestígio". Justifique.

- Nem todos sabem a gramática, mas quem não sabe não é inferior.*
- 7- A partir das questões acima, o que é possível refletir sobre "certo" e "errado" em relação à variação na linguagem?  
*A gramática é o mais correto, mas existem variações dependendo da região.*

### Tiro Ao Álvaro

Adoniran Barbosa

De tanto levar frechada do teu olhar  
Meu peito até parece sabe o quê?  
Táubua de tiro ao álvaro  
Não tem mais onde furar  
Táuba de tiro ao álvaro  
Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina  
Que veneno e estriquinina  
que peixeira de baiano  
Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver  
Mata mais que bala de revólver

<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/1299581/>

### Questões:

- 1- É possível observar marcas da linguagem oral na letra dessa música? Quais?  
*nao achei*
- 2- Há alguma passagem em que você encontra dificuldade para entender o sentido das palavras? Qual?  
*nao*
- 3- Se a música fosse escrita de acordo com a linguagem padrão o seu sentido seria modificado? Nesse caso a linguagem padrão é mais adequada que a coloquial? Justifique. *Sim, a linguagem padrão é mais bonita*
- 4- Você acha que a linguagem padrão (da gramática normativa) é mais apropriada e melhor do que a coloquial em todas as situações? Justifique.  
*Sim porque é a maneira que devemos falar*
- 5- É possível saber aproximadamente o grau de escolaridade e a classe social de quem fala na música? Se sim, quais são?  
*Sim quem estuda fala correto*
- 6- - O que você acha da seguinte ideia:

"Quando dizemos que a linguagem de um indivíduo é pior que alguma outra é o mesmo que afirmar que ele é inferior a alguém que domine a variedade de prestígio". Justifique.

*Inferior intelectualmente*

- 7- A partir das questões acima, o que é possível refletir sobre "certo" e "errado" em relação à variação na linguagem?

*Escrever e falar corretamente é o adequado em qualquer momento*

### Tiro Ao Álvaro

Adoniran Barbosa

De tanto levar frechada do teu olhar

Meu peito até parece sabe o quê?

Táubua de tiro ao Álvaro

Não tem mais onde furar

Táuba de tiro ao Álvaro

Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina

Que veneno e estriquinina

que peixeira de baiano

Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver

Mata mais que bala de revórver

B

<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/1299581/>

- 1- Dim; automóver, revórver, táuba, táubua, frechada.
- 2- Não, pois é possível perceber qual a palavra pelo som.
- 3- Dim, pois do jeito certo todas as pessoas entendem.
- 4- Dim, pois é sempre melhor falar do jeito certo.
- 5- Dim, é uma pessoa que não tem muito estudo, ele não deve ter muito dinheiro e por isso não foi à escola.
- 6- A pessoa sem estudo terá dificuldades para conseguir um bom emprego se for a situação e a que teve estudo conseguirá ter um bom emprego. Mas ninguém é melhor que ninguém.
- 7- Não, pois cada um fala de um jeito.

Cardine Ribeiro Santos

**Tiro Ao Álvaro**

**Adoniran Barbosa**

De tanto levar frechada do teu olhar

Meu peito até parece sabe o quê?

Táubua de tiro ao Álvaro

Não tem mais onde furar

Táuba de tiro ao Álvaro

Não tem mais onde furar

A

Teu olhar mata mais do que bala de carabina

Que veneno e estriquinina

que peixeira de baiano

Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver

Mata mais que bala de revólver

<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/1299581/>

- 1- Não.
- 2- Não porque a gente sabe o que significa
- 3- Sim ia mudar um pouco o sentido de falar
- 4- Sim eu acho que é mais correta
- 5- Eu acho que ela não estudou muito.
- 6- Não pois uma pessoa não é melhor que a outra porque ninguém pode prejudicar  
de a pessoa fala errada
- 7- Não pois cada um tem o seu autogeu.

Respostas 2

1- Sim. "frescada" e "Tiro ao Alvo"

2- Não

3- Sim, sim pois o sentido da linguagem  
coloquial é o certo.

4- Não, pois em várias situações fica  
difícil de entender.

5- Não

6- Eu concordo, porque realmente a linguagem  
prestigiada é melhor.

7- Sim, pois cada um fala de um jeito.

**Tiro Ao Álvaro**

**Adoniran Barbosa**

D

De tanto levar frechada do teu olhar

Meu peito até parece sabe o quê?

Táubua de tiro ao Álvaro

Não tem mais onde furar

Táuba de tiro ao Álvaro

Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina

Que veneno e estriquinina

que peixeira de baiano

Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver

Mata mais que bala de revólver

<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/1299581/>

1- Sim.

2- Não.

3- Sim. Porque  
quem ouve entende  
melhor que o ouvido.

4- Sim. Para o povo  
da torça dele para  
entender.

5- Não.

6- Porque foi o Dado ou  
~~foi muito~~ o exato pois  
ele escreveu de propósito  
ou ~~de propósito~~. Pobre

7- Não. Pois cada lugar tem seu  
ritmo e tema que respecta-lor.

**Tiro Ao Álvaro**  
**Adoniran Barbosa**

De tanto levar frechada do teu olhar  
Meu peito até parece sabe o quê?  
Táubua de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar  
Táuba de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina  
Que veneno e estriquinina  
que peixeira de baiano  
Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver  
Mata mais que bala de revórver

<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/1299581/>

**Questões:**

- 1- É possível observar marcas da linguagem oral na letra dessa música? Quais?

SIM: FRECHADA, REVÓRVER, TABUA, AUTOMÓVER.

- 2- Há alguma passagem em que você encontra dificuldade para entender o sentido das palavras? Qual? NÃO

- 3- Se a música fosse escrita de acordo com a linguagem padrão o seu sentido seria modificado? Nesse caso a linguagem padrão é mais adequada que a coloquial? Justifique.

SIM, PORQUE NÃO SERIA ENGRAGADO.  
NÃO, PORQUE IA MUDAR O SENTIDO.

- 4- Você acha que a linguagem padrão (da gramática normativa) é mais apropriada e melhor do que a coloquial em todas as situações? Justifique.

NÃO, ÀS VEZES A COLOQUIAL É MELHOR,  
NO DIA A DIA, POR EXEMPLO.

- 5- É possível saber aproximadamente o grau de escolaridade e a classe social de quem fala na música? Se sim, quais são?

NÃO.

- 6- O que você acha da seguinte ideia:

"Quando dizemos que a linguagem de um indivíduo é pior que alguma outra é o mesmo que afirmar que ele é inferior a alguém que domine a variedade de prestígio". Justifique.

É VERDADE, PORQUE SE ALGUÉM NÃO TAVE ESTUDO NÃO É INFERIOR, SÓ NÃO SABE GRAMÁTICA.

- 7- A partir das questões acima, o que é possível refletir sobre "certo" e "errado" em relação à variação na linguagem?

DEPENDE DA SITUAÇÃO A GRAMÁTICA É MELHOR, MAS ÀS VEZES NÃO.

**Tiro Ao Álvaro**  
**Adoniran Barbosa**

De tanto levar frechada do teu olhar  
Meu peito até parece sabe o quê?  
Táubua de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar  
Táuba de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina  
Que veneno e estriquinina  
que peixeira de baiano  
Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver  
Mata mais que bala de revólver

<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/1299581/>

**Questões:**

1- É possível observar marcas da linguagem oral na letra dessa música? Quais?

R: "TIRO AO ALVARO" E "ALTO MÓVER"

2- Há alguma passagem em que você encontra dificuldade para entender o sentido das palavras? Qual? R: NÃO

3- Se a música fosse escrita de acordo com a linguagem padrão o seu sentido seria modificado? Nesse caso a linguagem padrão é mais adequada que a coloquial? Justifique. R: SIM, NÃO SEMPRE.

4- Você acha que a linguagem padrão (da gramática normativa) é mais apropriada e melhor do que a coloquial em todas as situações? Justifique.

R: NÃO TEM QUE USAR A COLOQUIAL EM MUITAS SITUAÇÕES.

5- É possível saber aproximadamente o grau de escolaridade e a classe social de quem fala na música? Se sim, quais são?

R: NÃO

6- O que você acha da seguinte ideia:

"Quando dizemos que a linguagem de um indivíduo é pior que alguma outra é o mesmo que afirmar que ele é inferior a alguém que domine a variedade de prestígio". Justifique.

R: EU ACHO QUE É A REALIDADE

7- A partir das questões acima, o que é possível refletir sobre "certo" e "errado" em relação à variação na linguagem?

R: QUE O CERTO É FORMAL  
QUE O ERRADO É COLOQUIAL.

① Sim "MATA MAIS"

② NÃO

③ Sim o sentido mudaria. NÃO

④ NEM SEMPRE TEM HORAS QUE A PADRÃO CONSEGUE EXPRESSAR MAIS O QUE VOCÊ QUER DIZER

⑤ NÃO

⑥

⑦

1) Dim. Como as palavras em português são formadas.

2) Lês.

3) Não. Em geral, com o fim de entender a língua, se fala para a linguagem para a língua para a língua.

4) Não. Não há uma única língua para a língua.

5) Não. Existem várias línguas para a língua.

6) Língua para a língua.

7) É difícil dizer que a língua é uma língua diferente de se falar, como entender, falar, etc. por isso não há uma linguagem.

8) Não há uma língua para a língua.